

COTA	03 (Federal)
NUCLEO	GENERAL
REGISTO	374
BIBLI-	MUNICIPAL
	NISA

CARLOS C. BENTO



O Homem e a Natureza

—O esforço humano nas obras
da Hidro Eléctrica Alto Alentejo



Separata de «O CASTELOVIDENSE»

1944





A memória de António Bento,
Ao cavador e ao homem.

INTRODUÇÃO

«A Geografia Humana traça a grandiosa epopeia do trabalho dos homens».
DEFFONTAINE

A' guisa de prefácio, vou fazer algumas considerações que julgo necessárias.

A idéia para a elaboração dêste trabalho de geografia humana, que sintetiza o esforço do homem na construção das obras da Hidro Eléctrica Alto Alentejo, foi-me sugerida por ter assistido «in loco» ao desenvolvimento desta grandiosa empresa, maravilha de técnica da moderna engenharia portuguesa.

Não possuindo uma cultura científica invulgar, faltando-me os conhecimentos técnicos, profundos e minuciosos, sôbre Hidráulica e Electricidade, procurei dar ao meu trabalho uma teição essencialmente antropogeográfica, que combatesse a doutrina do determinismo geográfico absoluto, defendida pelos alemães Ritter e Patzel e definisse bem o papel predominante do braço humano na edificação das referidas obras.

Estes conhecimentos foram-me sâbiamente ministrados na Faculdade de Letras de Lisboa pelo eminente professor catedrático, Sr. Dr. Luis Schwalbach,

E' meu dever, mencionar o proveitoso auxilio prestado pelo ilustre mestre, Sr. Dr. Santa Rita, que nas aulas práticas foi o incansável e sempre solícito orientador dêste meu pequeno relatório.

Não posso esquecer também a amabilidade com que fui acolhido pelos empregados superiores da Hidro Eléctrica Alto Alentejo, onde colhi dados preciosos, visitando as esplêndidas instalações e as magostas centrais e servindo-me das discreções e comentários, embora novelescos e populares, de alguns operários, que têm o seu nome ligado a esta obra gigantesca.

E depois de têr recolhido, estudado e coordenado todos êstes elementos, tentei dar ao trabalho um carácter descritivo, ornamentado e apoiado em princípios científicos e antropogeográficos, encontrados nos seguintes volumes:

«La Géographie Humaine» de Jean Brunhs.

«Principes de Géographie Humaine» de Vidal de La Blache.

«A Hulha Branca» de Henri Cavailés.

«Estudo Metódico duma Região» pelo Dr. Luis

Schwabach.

«Memória Histórica da Notável Vila de Nisa»
e «Vários Opúsculos» de Mota e Moura.

«Anuário dos Serviços Hidráulicos».

«Atlas Escolar» de João Soares.

Acho por bem, traçar muito ao de leve o perfil da vila de Nisa e regiões circunvisinhas, sua situação e acções, costumes e tradições, pois este local foi o tablado onde se desenrolou o drama arrebatador, a luta travada entre o factor humano e o meio ambiente, entre o Homem, consciante másculo e a Natureza, bruta e poderosa.

Foi desnudando as tragédias íntimas e observando diariamente a árdua tarefa desses homens de faces tostadas, onde os piugos do suor se confundem com as gótas de orvalho ou com as lágrimas de tristeza e que José Francisco Figueiredo exageradamente chamou «Verdadeiros servos da gleba, vergados numa existência inteira ao jugo incessante duma labuta extenuantíssima», que brotou em mim o desejo fremente de soltar um hino á terra-mãe, uma canção que glorificasse o esforço daqueles, que se curvam sobre o solo sem um suspiro de dor ou desânimo, que enaltecesse as energias criadoras dos cavadores, que desbravaram a serra, poliram a rocha e semearam a planície inculta, irmãos dos operários, que ergueram as barragens, rasgaram os túneis e levantaram os postos.

As minhas palavras, despidas de estética e sabedoria, mostram bem a minha admiração por esses heróis ignorados, perdidos no anonimato das terras charnequenas—o seu bêrço e a sua sepultura.

«Nem as inclemências dos inverno, nem os ardores da canícula lhes diminuem a actividade ou lhes afrouxa o ânimo. Termina o ano, começa outro... e sempre o mesmo. Já assim foram os seus progenitores, assim hão-de ser os seus filhos». Há verdadeiras dinastias de lavradores.»—Assim se exprimiu José Francisco Figueiredo, decano dos jornalistas locais e grande amigo da sua terra, num artigo publicado na «Revista Portuguesa».

Os seus nomes não serão gravados nos annais da História ou nos altares das glórias efémeras; pas-

sarão despercebidos e silenciosos, mas ficará o seu exemplo como estímulo para os vindouros, a sua obra que o tempo não apagará.

Não pegaram numa espingarda no ardor da batalha, não surpreederam o selecto auditório da cathedra da tertúlia com o vigor das suas palavras, não atordoaram o orbe com a segurança dos seus argumentos ou com o poder fantástico do seu génio, mas são heróis com a rabiça do arado ou com o cabo da enxada, têm por espectadores a magestade do Sol e a amplitude dum largo horizonte e por campo de reirrega a terra imensa e fecunda, pujante de seiva, plena de viço, cujas entranhas êles revolvem com a força de gigantes não vencidos.

A' hora da morte, não terão elogios fúnebres, nem um epitáfio pomposo a adornar a sua campara, mas apenas uma cruz humilde e tósca, a mágoa sentida da fiel companheira e a lamúria cruciante dos filhos, inescqueiveis rebentos de noites de amor vividas na mocidade.

Foi a labuta desses humildes, que feriu a minha sensibilidade, que despertou o meu bairrismo e me impeliu á preparação deste trabalho, lembrando-me ao mesmo tempo do magnífico exemplo, que me deu esse cavador corajoso a quem é dirigida a dedicatória, que muitas vezes me mostrou, como braço mais querido e mais illustre, os calos das suas mãos—medalhas benditas, ganhas honestamente numa vida de labor insano.

Se não consegui o que me propus, isto é, dar uma ideia clara e explicita sobre a realização desta obra monumental, que dignifica a indústria portuguesa e tão grande valor deu á minha terra natal, ou não cheguei a realçar convenientemente a acção do Homem, resta-me a intenção sincera de querer fazer alguma coisa.

O Concelho de Nisa

Caminhando em território nacional em sentido norte-sul, pisamos pela primeira vez as ardentes terras transtaganas, onde começamos a sentir a nostalgia

da planície, a monotonia dos cantares dolentes e a grandeza dos campos de trigo, no concelho de Nisa, que é limitado ao norte pelo Tejo, ao sul pelos concelhos de Crato e Castelo de Vide, a oeste pelo concelho de Gavião e a este por outra faixa do concelho de Castelo de Vide e pelo rio Sever, afluente do Tejo e que separa o nosso país da Espanha.

Não é propriamente o cenário característico do Alentejo, com a rudeza dos montados e a imponência dos trigais, com a preocupação da distância e a tortura dum calor sufocante.

«Região de chãs e colinas e algumas serras pouco elevadas, adjacentes a terras mais baixas»—definiu-a Barros Gomes.

É uma zona de transição entre a Beira e o Alentejo, manifestando-se numa aproximação de culturas, de actividades, de costumes e dialectos, embora as duas provincias estejam nitidamente separadas por uma linha natural, o rio Tejo, que passa a 17 quilómetros da vila de Nisa e onde o viajante pode contemplar o quadro surpreendente das Portas de Ródam, rochedos abruptos velando o rio, que beija voluptuosamente essas pedras gastas, retoques caprichosos da Natureza que parecem ser devidos à mão prodigiosa de Miguel Angelo ou concebidos pela imaginação profética de Victor Hugo.

A semelhança psicológica e a proximidade territorial originou o desenvolvimento dum comércio múltiplo, pela facilidade de comunicações e transportes, entre os habitantes das duas regiões distintas.

Verifica-se um fenómeno parecido com a fronteira espanhola, que facilita a actividade ilegal e perigosa dos contrabandistas, que muito assiduamente visitam estas paragens.

O terreno é aluminoso ou argiloso ao nascente, norte e parte do poente, o restante arenito ou silicioso, segundo informação de Mota e Moura, illustre ninsense já falecido.

A região é batida pelos ventos escaldantes da Península, no verão e pelos mesmos ventos gelados, no inverno, caracterizando-se a humidade relativa por médias mensais de 40° a 80°.

O clima é regular e ameno, sem bruscas variações de temperatura, contribuindo para a fertilidade das terras, algumas da era terciária, onde se cultiva trigo, milho, cevada, centeio e lava. Nas encostas e terras planas vicejam oliveiras, árvores de fruto, pinheiros e carvalhos.

As azinheiras e os sobreiros encontram-se principalmente nos arredores de Nisa, Montalvão e Tolosa.

Os frutos das primelras—as holotas—são bom alimento para as varas de porcos que vivem nos montados, aguardando pavorosamente a hora da matança, festejada com um movimento extraordinário nas casas dos lavradores.

As carnes de porco servem para consumo local e para exportação. São afamados os enchidos aqui fabricados e muitas vezes postos no mercado com o rótulo doutras localidades, devido à falta de iniciativa dos seus produtores, para quem os ganhos valem muito mais que o nome da região que lhes serviu de berço.

Dos sobreiros é extraída a cortiça, produto típico, quasi exclusivo e fonte de riqueza do Alentejo.

As terras são cultivadas ou destinadas a pastagens para gado ovino e caprino.

A sedentariedade dos rebanhos, guardados por pastores velhos e «rafeiros» ferozes, é devida à opulência das pastagens, sendo portanto inútil a deslocação rítmica. Todavia a transumância é exercida por rebanhos de cabras, garrudas e pretas, vindas dos lados da Guarda em certas épocas do ano e aqui conhecidas pelo nome de «cabras Juromenhas». Os pastores, que conduzem estes rebanhos nómadas, vão vendendo, no seu trajecto, animais e leite.

Na taina agrícola são empregados ainda processos e utensílios quasi primitivos, que, se têm inconvenientes pelo excesso de duração, também prestam nobres e louváveis benefícios, matando a fome a muitas bôcas e salvando da miséria muitos lares. Porém, nas propriedades dos lavradores mais abastados já se nota a presença de máquinas modernas, que substituem em o braço humano e o auxilio dos animais.

Nesta região não é frequente a acção desastrosa de tempestades, ou chuvas torrenciais e as secas de efeitos destruidores também não constituem uma ameaça constante para as populações rurais, que vivem desocupadas quanto à actividade de natureza sismica ou vulcânica.

Também não é conhecida a existência de minério, que possa levar os agricultores ao abandono das suas terras, onde mourejam com devoção e amor.

Ainda na área do concelho, encontram-se as termas da Fadagosa, no sítio da Seiceira, de águas sulfúreas, com efeitos eficazes contra o reumatismo. Ficam localizadas num êrmo, desprotegidas e sem qualquer indício de comodidade ou modernismo. Dormem num murosso vergouhoso e impróprio, devido ainda ao desinteresse dos habitantes.

Vários ribeiros, em grande maioria pequenos cursos de água, sulcam e refrescam os terrenos, como a ribeira de Nisa e seus afluentes, a ribeira do Figueiró e o rio Tejo que, como dissemos, rodeia a parte norte do concelho.

Quanto às divisões administrativa e religiosa, o concelho pertence respectivamente ao distrito e ao bispado de Portalegre.

Compreende uma área de 55.752 hectares e compõe-se de nove freguesias, figurando como povoações mais importantes sob os aspectos económico e social: Nisa, Alpalhão, Montalvão, Amieira, Arês, Tolosa, Monte Claro e Pé da Serra.

Como simples povoados, onde vivem escassos agrupamentos humanos, temos: Salvessa, Cacheiro, Velaça, Monte do Pardo, Chão da Velha, Monte do Arneiro, Monte do Duque, Falagueira, Vila Flor e Montes Matos.

O concelho tem uma população total cerca de 20.000 habitantes, isto é, com uma densidade aproximada de 25 a 42 habitantes por Km².

A vila de Nisa é a sede do concelho de 3.ª classe e da comarca. Desta vila, da sua população e do seu passado, nos vamos ocupar, embora rapidamente nos capítulos seguintes.

A Vila de Nisa

A capital do concelho, a vila de Nisa, ergue-se numa região plana, rodeada de arvoredo, que em beleza e enriquece os quintais, as hortas e os bancelos vizinhos, onde crescem legumes e hortaliças.

Só à distância de 1 km. se desenhavam as propriedades mais vastas, onde se empregam outros géneros de culturas mais rendosas.

A nordeste avista-se o morro de S. Miguel, cortado pela nascente da Galeana da serra de S. Simão, cujos prolongamentos se estendem até às barreiras do Tejo. As suas vertentes, acidentadas e pedregosas, estão coalhadas de oliveiras e pinheiros.

A vila compreende duas freguesias.

Uma, a de Nossa Senhora da Graça, começa no arco das Portas da Vila e abrange uma área mais ou menos circular, outrora cercada de muralhas, hoje derruídas pelo tempo e pelos homens.

E a parte velha da povoação, de vielas estreitas e sinuosas, onde falta o ar e quasi não chegam os raios solares, de casas baixas e pobres, sobressaindo delas as altas torres da Igreja Matriz.

Tem como largo principal, a praça do Município, onde estão instalados os Paços do Concelho e a Igreja da Misericórdia, anexa ao hospital.

A outra freguesia, a do Espírito Santo, é propriamente a moderna vila, designada pelo nome de arabalde e com uma maior extensão.

As suas ruas largas, de sumptuosos e artísticos edificios, obedecem já a um plano mais geométrico e a uma maior simetria.

Na ampla praça da República, adornada pelo Jardim Público, estão concentradas as actividades comerciais e todo o movimento local.

Salientam-se ainda nesta nova zona, as ruas Miguel Bombarda, Sidónio Pais, Alexandre Herculano, Dr. Oliveira Salazar, etc. e os largos do Mártir, Heliodoro Salgado e Serpa Pinto.

Graças ao entusiasmo de alguns nisesenses, ao auxílio material de alguns capitalistas e à iniciativa feliz de alguns dirigentes da Câmara Municipal, a vila desprendeuse dos preconceitos antigos e tradicionais, da moçorra enervante que a envolviam, para traçar objectivos mais largos e decisivos, que a fizeram entrar na via luminosa do progresso.

O advento da Hidro Eléctrica Alto Alentejo exerceu um papel activo nêsserápido desenvolvimento.

A vila abasteceu-se de águas canalizadas, levantou mercos fontenários, construiu bonitos edifícios e alegres moradias, edificou uma higiénica cadeia e um magnífico teatro, por onde têm passado os maiores valores da cêna portuguesa, alinhou os seus arruamentos e abriu estradas de comunicação para as várias localidades.

Os habitantes foram protegidos, fundaram-se sociedades de recreio, de desporto e de cultura, criaram-se organizações religiosas e de caridade.

E dessa grandiosa e pacífica revolução, por vezes prejudicada por oposições mesquinhas e por rivalidades tórpes, surgiu uma legenda clara e atraente. Uma nova vila, que foi ocupar o lugar que lhe havia sido destinado e cujos alicerces foram devidos ao bairrismo e ao esforço desinteressado dos seus filhos mais ilustres.

Pertence às futuras gerações, o dever de consagrar a memória dêsses patrios dilectos, que honraram material e espiritualmente a terra que lhes sorriu na meninice.

Que os seus nomes não fiquem no esquecimento, nem sejam brindados com a ingratição dos vindouros, são os meus votos mais sinceros.

A População

Não podendo consultar os critérios quantitativo e fiscal, adoptados pela nossa divisão administrativa, referentes à distinção de centros rurais e urbanos, hesito em classificar a vila em questão.

Aumentariam as dificuldades, se me abalancasse a discutir os inúmeros critérios apresentados nalguns capítulos de Antropogeografia, ramo da Geografia Geral que estuda, além de outros problemas, as paisagens físicas em função do homem.

Se atendesse simplesmente ao critério quantitativo, dar-lhe-ia a categoria de centro urbano, porque a sua população total é superior a 5.000 habitantes, mas se seguisse a opinião exposta por Mademoiselle Lefèvre, o critério funcional, incluiria a vila de Nisa nos centros rurais, pois a maioria dos seus habitantes destinam-se à lavoura.

E ficavam ainda por citar outros critérios importantes, como o da fisionomia da casa de Demanjeon e os pontos de vista estudados por Ratzel.

Prefiro pois omitir êste assunto, fugir às tentativas, para que elas não me arrastem ao labirinto das complicações e dos enganos ou a um possível êrro de classificação.

A vila possui perto de 6.000 habitantes, que em grande parte, se não a maioria, se dedica à agricultura, ao cultivo e amanho das terras, pertença própria, arrendadas ou por ajuste.

A elas votam todos os seus momentos, o seu suor, o seu trabalho, a sua vida inteira, esperando ansiosos a recólha do pão e dos frutos, que semearam com tanto amor e sacrifício.

Ao despertar do sol madrugador, ei-los a caminhar do trabalho, a ponta do cigarro a um canto da bôca, a enxada ao ombro, a sinistra calejada na dobra da cinta, acompanhados do mulherio ainda ensonado.

E nesta legenda olimpica, neste quadro aparentemente monótono, animam-se as figuras como se fossem tocadas por uma varinha mágica, revolucio-nam-se as côres, avivam-se os traços e surge então essa élite distintíssima de homens livres, sem o sinal degradante da preguiça ou da escravidão, orgulhosamente embrenhados na sagrada luta pela vida.

Robustos camponeses, alguns já de cabelos brancos e tendo estampado no rôsto a marca eterna do

sol, outros novos ainda, com o olhar vivo da mocidade, numa contemplação pagã fitam a planície que se prolonga indefinidamente, avistando ao longe, por entre as ondulações dos trigais loiros, muito loiros, um horizonte distante, difícil de atingir.

Olham a terra, essa soberana que exerce sobre elles um poder hipnótico e esmagador, que lhes douu uma psicologia morbida, fatalista, uma espécie de pessimismo paradoxalmente heróico, talvez herança dos queles tempos remotos, em que por aqui andaram galopando nos seus corcéis de combate os aguerridos filhos de Mahomet.

Depois vergam-se sobre a terra, os músculos retesados, a respiração ofegante, o peito cabeludo humedecido, golpeando essa matéria bruta, lavrando-a, remexendo-a, abraçando-a com amplos braços iguais aos que dão à espôsa durante a noite.

Ao lado, as môças, descuidadas e tranqüillas, entretêm-se nas mondas e sachas, sob o olhar cúpido e malicioso da rapaziada, olhar persistente e atrevido, que lhes penetra no âmago da alma e lhe azorraga as carnes, fazendo-as corar com um pudor de virgens perseguidas.

O calor aperta, sufoca, e elles, exaustos estendem-se no chão, à beira dos caminhos ou no limite das searas, dormindo, ressonando, num esquecimento total, num abêndono espantoso, numa confusão de sexos, o suor a misturar-se com o húmus da terra, sempre a terra, como preocupação obsecante.

Os pastores apascentam os gados e os pequenos proprietários, ajudados pelos filhos, cuidam das lameiras e dos baccios, num cenário simples, bucólico, virgiliano, ao som duma melodia encantadora, em que os rumores da terra tentam sufocar o chilrear dos passarinhos, que correm num vôo vertiginoso em frente dos espantalhos ou nas vergôntias dos sobreiros.

Mas ao longe, na encosta ou junto à ribeira, sob uma atmosfera pesada de fumo e fogo, ressoa o matraquear do ferro, o bater metálico dos martelos, o som da picareta na rocha, o ribombar do dinamite. São os

operários, escol salpicado pela escória, almas voluntariamente, admiravelmente, patrioticamente sacrificadas em prol dessa grandiosa obra da Hidro Eléctrica Alto Alentejo.

Cantarolando e praguejando, homens e mulheres labutam com ardor, gritando e incitando as juntas de bois que lavram o solo, até que uma mancha sanguinea appareça para os lados do poente, ruborizando o firmamento azul e a indicar-lhes que mais um dia passou.

Depois... fadiga... silêncio... sono tranqüillo... o toque das «matinas»... o mesmo de ontem e de amanhã.

Quando assaltados pela calamidade inexorável, no incêndio formidável do trigo nas eiras ou sob outro qualquer castigo que o destino lhes imponha, estranhos e atungidos, todos se unem num abraço fraternal, na comunhão ante a desgraça e a dor que os martiriza. E de semblante pálido, trágico, transfigurado, a saliva ressequida nos sulcos dos lábios, olhos lacrimantes, abrem os braços em gestos desesperados, numa attitude humana, legitimamente humana, a pedir clemência à calma do céu, que não escuta as suas supplicas, que é mudo, irritantemente mudo ante os seus choros, choros de homens que perderam tudo.

Porém, na abastança, numa colheita abundante, chovem as promessas e as benções de agradecimento aos santos padroeiros, todos se riem, se reúnem, se embriagam, à ceia junto à lareira, rodeados da família, no culto do lar.

Mas ainda são homens, os mesmos de há pouco, sempre homens livres, alentejanos, portugueses, que desfilam altivamente, gloriosamente na apoteose do trabalho, que dignifica e enobrece.

Como já disse, na faina agricola são empregados utensilios antiquados, tendo um lugar de relêvo o braço humano, que os maneja com agilidade e vigor.

Os homens trabalham na apanha da azeitona, no cultivo dos cereais, na extracção da cortiça, no tratamento das vinhas, às vezes auxiliados pelas muhe-

clima, as condições económicas e o apêgo à terra implicam uma percentagem mínima de emigrantes.

Karos são os que abandonam a pátria para ir procurar meios de subsistência a paragens estrangeiras e longínquas e êsses poucos dirigem-se geralmente para as nossas colónias de Africa, sobretudo Angola e Moçambique e às vezes para França, atraídos pelo espírito da aventura, com a miagem incerta e a ilusão falaz da aquisição de tesouros incalculáveis.

Essas deslocações são de carácter transitório e a grande maioria «volta ao lar paterno, desenganado do que em vão procura» como canta o poeta.

O urbanismo, a acção centripeta das cidades, tem-se registado consideravelmente nos últimos tempos, da parte do funcionalismo público e das classes médias. Saida voluntária, afastamento temporário, que tem por finalidade uma melhor colocação e o desejo de uma futura preparação intelectual para os filhos.

Falei das actividades, dos processos empregados, do movimento dos habitantes d'êste concelho e mais particularmente dos da vila de Nisa, vou agora occupar-me da sua indole, da sua sentimentalidade e dos seus costumes, problema assás dificultoso, repleto de excepções, propicio a enganos e a deslises.

As apreciações que se vão seguir, são relativamente exactas nas suas linhas gerais, mas incompletamente exactas nos pormenores e atingem mais directamente as classes trabalhadoras, de um nível de cultura inferior, pois os restantes grupos sociais não podem de forma alguma ser affectados por esta análise «à la minute», devido às condições de vida e ao seu próprio estado social.

Não consegui, certamente, libertar-me de toda a parcialidade ingênita e talvez que uma admissível inclinação me levasse a traçar o retrato psicológico dessa gente, não como ela é na realidade, mas como eu desejaria que ela fôsse.

Apesar disso, procurei sempre evitar o encontro delicioso e agradável da fantasia, o contacto esbanteante e paradisiaco da divagação, para que o meu

res e pelos animais domésticos.

O duro e fatigante trabalho das ceifas do trigo e do centeio está ao cuidado dos homens da Beira, aqui chamados os «ratinhos», que no mês de Junho vêm em grandes massas para esta região, contratados pelos proprietários e lavradores.

São aproveitados também na malha do centeio, onde se utiliza ainda o trabalho manual, enquanto que a do trigo é feita por máquinas debulhadoras.

Estes homens, fortes e sadios, humildes e habituados às cansaças do trabalho, recebem um alqueire (15 litros) de centeio por dia, salário que reduzido a dinheiro corresponde a quinze escudos. Não aceitam dinheiro ou outra espécie de pagamento, a não ser centeio e às vezes trigo.

Demoram-se algum tempo, acampados ao ar livre e findo o seu trabalho regressam ao ponto de partida para no ano seguinte repetirem essas deslocações periódicas.

A indústria local resume-se aos moinhos, aos lagares de azeite e à feitura dos instrumentos de trabalho mais rudimentares.

É muito conhecida a olaria, a fabricação de objectos de barro vermelho, incrustados de pedrinhas de calcáreo, representando flores, desenhos geométricos e letras.

Esta indústria verdadeiramente característica da região é auxiliada pela roda do oleiro e pela habilidade profissional.

Realizam-se grandes transacções comerciais nas feiras e mercados, negócios de gado, de cereais e de produtos regionais.

Os homens têm amor à terra, vivem dela e para ela.

A propriedade encontra-se bastante dividida, havendo no entanto grandes lavradores e até alguns dolorosos quadros de miséria, combatidos eficazmente pelas agremiações de caridade e pela generosidade de alguns nissenses.

A relativa fertilidade do solo, a amenidade do

estudo se aproximasse da verdade, da descrição nua dos factos e não constituísse uma pura e estéril exposição literária, traduzindo os anseios ou repercutindo o eco letárgico da minha alma, seduzida pela poesia ou pelo sonho.

Quis dissecar a alma rude do meu povo, adinhar-lhe os conflitos e as paixões, descobrir a vida dos operários que lutaram denodadamente contra a Natureza e a dos cultivadores dos campos da minha terra, destes campos floridos que são um esbôço da «Planície Heróica» de Manuel Ribeiro ou das «Terras de Fogo» de Julião Quintinha.

A sua vida!... Vida por vezes amarga, plena de sacrificios e de trabalho. Não tem a musicalidade terna do poema lírico, tem o realismo brutal do drama ou a sonoridade máscula da epopeia; não é multicolor como uma aguarela, é vermelha como um borão.

Os costumes dos avoengos foram-se perdendo e transformando, caíram em desuso e hoje poucos restam, pálidos reflexos que acompanharam o galope vertiginoso das inovações e aguentaram o choque variavel das modas.

A indumentária que trarou uma época já volvida, ameaça ruína, uma tendência para o desaparecimento por completo.

Porém, alguns homens mantêm ainda esse vestuário típico, de chapeu largo, jaqueta, cinta preta e calça justa.

As mulheres vestem blusa de folhos, saia rodada e o genuíno chaile e lenço.

Trajes garridos, que dão às raparigas na primavera da vida, um aspecto natural e alegre, um portento airoso, fazendo realçar as suas formas belas, os seios desenvolvidos e insubmissos a quererem rasgar a blusa, as faces rosadas, os olhos brilhantes e tímidos, os cabelos compridos, exalando frescura e mocidade, tal como as ervas e rosas que florescem nos campos à mercê da Natureza.

Figuras formosas, que lidam no campo, passam na rua de cântaro à cabeça e saltitam nos ballari-

cos e romarias ao som da concertina, executando músicas populares portuguesas.

O «baton» e o «rouge» não mancharam ainda os seus lábios ou as suas faces. E a Natureza que lhes imprime a cor berrante das papoilas silvestres e lhes oferece o perfume embriagador das violetas.

A família está legal e religiosamente constituída. As raparigas casam cedo, dos 13 aos 20 anos e os mancebos depois do cumprimento do serviço militar.

Os habitantes são acanhados sem serem servis, por vezes altivos, compreendendo erradamente os seus direitos humanos.

Se lhes falta a religiosidade dos minhotos e a apreçada alegria dos algarvios, também não possuem as características dos povos do baixo Alentejo.

Fácilmente dominados por paixões, violentas, são fortes no amor e no ódio, santos e verdugos.

Muito sensíveis e perturbáveis, vibram de patriotismo ante as narrativas da nossa História gloriosa e choram de comoção com a leitura dos entrêcos amargos de Camilo ou dos romances passionais de Emile Richebourg; deliram nas touradas à vara larga, pegando o touro de caras sob os aplausos da multidão febril e tremem, sentem um prazer doentio ouvindo o fado português. Incapazes duma denúncia ou duma tração, se bem que me lembre da estrofe do grande épico: «também entre portugueses alguns traidores houve».

Os lobishomens, as bruxas e todos os espectros da magia provocam nels uma superstição, uma crendice, um receio pavoroso, por vezes inexplicável se atendermos à coragem demonstrada nas intempéries e na rudeza dos trabalhos agrícolas.

Nos seus espiritos incultos e atraçados confundem-se o maravilhoso das lendas com o colorido tétrico das visões povoadas de fantasmas, na altura duma doença súbita, dum crime misterioso ou dum amor, mais correspondido, recorrendo então aos artificios dos curandeiros ou dos soldadores, como aqui lhes chamam.

São católicos por principio e por tradição. Conservam concepções religiosas adaptadas à sua intelligência pouco desenvolvida e de acôrdo com as suas faculdades mentais.

Veneram um Deus e santos predilectos, patronos das suas actividades. Ante as contrariedades da vida blasfemam, duvidam dessa divindade, para lhes cair aos pés, suplicantes, quando a desgraça lhes bate à porta.

As mulheres assistem regularmente às cerimónias e cumprem os ritos aconselhados pelo catholicismo. Os homens, preocupados com os seus afazeres, vivem um pouco indifferentes, frequentando os templos só nos dias festivos.

Tem sido notável a acção da seita adventista, recentemente aqui estabelecida, que tem afastado, com as suas pregações, muitos homens da taberna e da senda do vicio.

O boato e a bisbilhoite são cultivados pelas mulheres, passatempos prejudiciais, mas próprios dos meios pequenos, onde todos se conhecem.

As crianças, muito amimadas na meninice, são depois abandonadas na infancia, brincando livremente nas ruas ou nos terreiros, adquirindo independência e máus costumes.

O atentado contra a honra é uma nódoa indelével, um afastamento da sociedade, por vezes cruel e extremista nas suas decisões e ditames.

Tem-se tentado exterminar, e com óptimos resultados, o virus da prostituição, do alcoolismo e da vagabundagem, que prejudica a vida e a moral destas populações humildes.

As escolas primárias, com cursos diurnos e nocturnos, têm registado um aumento grande no numero dos seus alunos, combatendo assim o analfabetismo.

Mas distinguindo-se de todos estes attributos, as duas virtudes mais gratas d'este povo são: a honra e o trabalho.

Notícia Histórica

Segundo me consta, o arquivo da Câmara Municipal e as bibliotecas particulares locais não possuem documentos suficientes para se fazer, com segurança, a reconstrução histórica de Nisa.

Torna-se portanto difficil a elaboração dum trabalho histórico, dum estudo sério, que nos relate verdadeiramente o passado da vila, despidio por completo das roupagens encantadoras da lenda e do valor duvidoso das suposições.

Apenas dispomos das notas coligidas em «Vários Opúsculos» e em a «Memória Histórica da Notável Vila de Nisa», produto das pesquisas e investigações realizadas por Mota e Moura.

Sobre a fundação de Nisa a Nova ainda encontram os informações unânimes na «Chorografia Portuguesa» de António Carvalho da Costa, no «Sanctuário Mariano» de Frei Agostinho de Santa Maria e nos escritos de Frei Manuel Canbestro, que a pedido da Academia Real da História Portuguesa, escreveu uma pequena memória à cerca da fundação de Nisa, que se encontra na Torre do Tombo.

O Sr. Dr. Alexandre Costa, num dos seus vários trabalhos de etimologia, insertos em «O Castelovidense», «Distrito de Portalegre» e «Correio de Portalegre», faz referència a um artigo do já falecido professor Leite de Vasconcelos, publicado no jornal «Os Braços do Alentejo» n.º 333, de 13 de Junho de 1937, que explica assim a etimologia de «Nisa»:

«Este nome, na origem, é como tantos outros, nome de pessoa, no nosso caso, nome de mulher, feminino de «Nisus», que se lê numa inscrição de Faro, publicada no «Corpus», II, 514t

«Nisus» é a latinização do grego «Nisos» que foi por acaso o nome de um rei de Mégara.»

E mais adiante, o mestre acrescenta com certa graça:

«Não se admire o leitor alto-alentejano de lhe dar como estirpe de «Nisa» uma grega. Com a conquista

ta romana da Lusitânia vieram para cá muitos gregos, uns, como simples escravos, outros como profissionais, por exemplo, do sacerdotício pagão e da Medicina.»

Daqui podemos concluir, que a idade da povoação remonta ao estabelecimento dos romanos na Península, tanto mais que existem, no concelho, lápides com inscrições latinas.

A origem de Nisa a Velha perde-se no nevoeiro dos tempos remotíssimos.

Ficava situada a 3 km. do local, onde actualmente se levanta a Nisa a Nova e foi fundada por Dionísio Baco, «que do seu Ihe deu o nome, 1317 anos antes de Cristo e 1001 depois do Dilúvio Universal, sendo a terceira em antiguidade dèste distrito.»

Ainda hoje lá estão, no cimo do monte, dominando com a sua magestade e irradiando a sua luz espiritual pelas paisagens em redor, a igreja de Nossa Senhora da Graça e mais abaixo, as ermidas da Senhora dos Prazeres e dos Fieis de Deus e como vestígios «da velha Nisa, não restam mais que montes de pedras e ruínas, que o arado e o alvião retalham por entre algumas oliveiras, que simbolizam a paz, que ali se goza.»

Esses templos foram construídos em arquitectura neogótica, pelos Templários, que rezaram ante as mesmas imagens e celebraram nos altares as cerimónias religiosas, como nos atesta Frei Agostinho de Santa Maria.

Nossa Senhora da Graça foi a padroeira da antiga localidade.

A tradição transmitiu esse culto às novas gerações, culto que revestiu as formas da mais alta veneração.

Para melhor mostrar a adoração e a crença, que os nenses votam à Virgem da Graça, transcrevo algumas quadras de Jerónimo Rôlo:

Lugares santos de Nisa,
Enlêvo da mocidade,
Onde a alma se deleita
Em haustos de santidade.

Em murmúrios, a ribeira
Que no fundo vale mora,
Reza fervorosa prece
A' Virgem Nossa Senhora.

De joelhos concentrados,
Os olhos no infinito,
Quantas gerações rezaram
Naquele outeiro bendito!

Aquela estância divina
E' teatro permanente
Das tristezas e alegrias
Da nossa ditosa Gente

Nossa Senhora da Graça!
Vós sois a consolação
Do pobre, rôto, descalço,
Sem um abrigo e sem pão.

Mota e Moura compartilhunde também dèste sentimento sincero, dèste misticismo sublime, confessou: «E todas estas ruínas são animadas, não pela presença de Mário ou de Wolney, como as de Cartago e Palmira, mas pela devoção, pela fè e pela tradição dos habitantes da Nova Nisa, que raro é o dia que, ali não vão saúdar a Virgem da Graça, que é tóda a sua esperança nos trabalhos, consolação nas aflições e alegria na prosperidade e o seu templo, como o de Delfos, raro é o dia, que não tenha algum sacerdote, celebrando nele o inqueruto sacrificio do altar».

E assim, os dois ilustres nenses, um com o ciciar dos seus versos e com a singeleza da sua devoção e o outro com as suas palavras fervorosas ressoando como um cântico evocador por entre sombras fantasmagóricas e restos silenciosos, pretendem mostrar, que as sobrevivências ancestrais da Velha Nisa ainda protegem e animam a nova.

Mas essa fé tradicional não pereceu com o pretérito, perdurou até ao presente, inspirando outro nissense, o nável poeta Gomes Correia:

Ermidinha alva, acolá, distante,

Alumia o monte com o seu sorrir

Faz lembrar-me um anjo, que vagueia, errante,

Branco, muito branco, que não quis partir!

.....

Lá dentro repousa, num dormir sem fim,

A Senhora-Nossa que o meu povo adora,

Santa já velhinha, cheirando a alecrim,

Querida, bem querida pela vida fóra...

.....

E os moços acorrem ao festim do monte,

Anciãos caminham, trôpegos, cansados...

Todos vão beber na piedosa fonte.

Alguns vão lembrar os dias já passados!...

.....

Para narrar a evolução da vila, desde a destruição de Nisa a Velha à fundação de Nisa a Nova, recorro mais uma vez a Mota e Moura.

«A velha Nisa ficava para os lados do Tejo, edificada sobre um alto monte, dominando com o seu castelo todas as outras que a cercavam, pavoneando-se e revendo-se nos seus campos e arvoredos e na caudalosa ribeira, a que deu o nome, que corria a seus pés humilhada e agradecida.»

Século XIII. Estamos no alvorecer do reinado de D. Diniz, que acabara de tomar nas suas áureas mãos os destinos de Portugal, após a morte do inconsistente Bolonhez.

O sangue corria pelos campos, a morte alastrava pelo país, a agitação e a intranquilidade dominavam nos espiritos.

O infante D. Afonso, querendo apoderar-se do trono, pusera-se à frente duma horda de bárbaros e declarara guerra a seu irmão, o rei D. Diniz.

Vinha o ambicioso infante do sul do Alentejo e ao chegar à Velha Nisa, intimou o governador a que

lhe entregasse a vila, para aí recrutar homens e meios para continuar a luta fratricida. Mas o governador era um português de rija tempera, fiel à Pátria e ao seu rei e negou-se a tomar parte numa infâmia, a comparar duma traição.

Ante a recusa formal, a atitude decidida e digna, D. Afonso encolerizou-se e atacou ferozmente a povoação, que após um duro assédio de oito dias, caiu em poder dos sitiantes.

O atrevimento, a valentia e a lealdade do governador e dos nissenses foi severamente castigada pelas hostes sanguinárias, que saquearam e demoliram a vila.

Este exemplo de honra e de fidelidade caiu no domínio do olvido, ficou soterrado nas ruínas da velha Nisa, até que D. Diniz, depois de ter vencido o irmão, mandou levantar uma nova povoação, numa região plana e fértil, a que chamou Nisa a Nova. Esta foi edificada no Vale do Azambujal, perto do castelo dos Templários e junto à torre de João Vaqueiro, uma das mais altas da região e que se supõe ser do tempo dos romanos.

Foi cercada de muralhas, que o monarca mandou construir, e a esse respeito é curiosa a carta régia, que D. Diniz enviou aos oficiais da Câmara, quando lhe pediram mais dinheiro para as obras. Reza assim:

«Vi a vossa carta e estranho muito, que tendovos remetido há pouco seis mil réis para a edificação dos muros, me digais na vossa, que já se gastou este dinheiro: ai vão pois mais dois mil réis. E continuem as obras sem cessar.»

São estas as palavras textuais daquele, que pela forma hábil como governou o reino e protegeu a agricultura, a História alcunhou de o Lavrador.

Os sobreviventes do cerco acorreram a povoar a nova terra, que seria condecorada pelo mesmo rei com o título de vila e agraciada com novas armas e foral.

O seu desenvolvimento foi extraordinário, e em 1343 já tinha lagares de azeite, boas casas, quin-

tais e vinhas, como consta de algumas escrituras de compras, encontradas na Torre do Tombo. Em 1385 faz-se representar às côrtes de Coimbra por dois procuradores: Pedro Martins e Bartolomeu Eanes, que votaram pela realza do Mestre de Aviz.»

«Não fóra em vão, que o governador da velha Nisa recusara as vis propostas do real infante, que os nisenhes caíram com a sua terra sob a fúria dos invasores, porque anos mais tarde, os seus descendentes de novo deram provas de lealdade e patriotismo, ante a oscillação da independência portuguesa.»

«Os povos vizinhos chamaram-lhe a «Côrte das Areias» devido à sua posição geográfica, à fertilidade dos terrenos, ao seu desenvolvimento e à influência que exercia sobre as populações situadas à sua volta.»

Referindo-se às regalias adquiridas, diz ainda o historiador:

«Foi a nova Nisa, logo ao despontar da vida, condecorada pelo seu illustre fundador com o título de vila, a que D. João I juntou e Filipe II confirmou, o de Notável, pela sua antiguidade e pela virtude cívica dos seus maiores, no amor de seus reis e da sua pátria; e para a honrarem deram-lhe assento no sétimo banco das antigas Côrtes da monarquia, a que tinha direito de mandar dois procuradores que a representassem.»

Segundo a sua marcha triunfal, em 1646 D. João IV eleva-a à categoria de Marquesado, conferindo o título a D. Vasco Luis da Gama, em cujas veias, muito possivelmente, circulava o sangue daquêle ousado marinheiro, que satisfizera o sonho do Príncipe Perfeito.

O novo marquês era já conde da Vidigueira e havia desempenhado altos cargos ao serviço da nação.

O concelho foi sempre independente, com uma Câmara de três vereadores e um procurador, presidida por um juiz de fóra nomeado pelo rei, administração extinta em 1834.

Em 1877 é Nisa capital dum concelho, composto pelos antigos de Arez, Montalvão, Alpalhão e Tolosa, suprimidos por decreto real.

E desta forma recordamos o passado da remota e notável vila de Nisa, que começando por um pequeno amontoado de casas dentro de muralhas apertadas, havia de no século XX transformar-se num dos principais centros da indústria hydroeléctrica do nosso país.

Além dos restos das muralhas, a vila conserva ainda alguns monumentos dignos de serem vistos, pela sua beleza e pelo seu provável valor histórico, como os que se encontram nas Igrejas Matriz, Misericórdia, Nossa Senhora da Graça, Senhora dos Prazeres, o púlpito exterior do Calvário, a fonte da Pipa, o pelourinho, a Torre de João Vaqueiro e talvez outros que escaparam à minha investigação.

A alguns quilómetros da Vila encontra-se a antiga de S. Gens, vestigio pré-histórico estudado pelo distinto arqueólogo Leite de Vasconcelos.

Nada há escrito sobre aquellas reliquias de outrora, votadas a um abandono desolador, testemunhas mudas e impassíveis, recordações vivas de tempos já mortos.

A Ribeira de Nisa

A distância de 4 km. da Vila, corre, calma e tortuosa, ora rodeando serras alcantiladas e fragosas, ora fugindo por campinas e vales, a ribeira de Nisa, afluente da margem esquerda do Tejo.

Brota como um fio de água junto à povoação do mesmo nome, nas proximidades de Portalegre, alarga-se depois lentamente e vai desaguar ao rio Tejo, em frente de Fratel.

No concelho de Nisa, os seus principais afluentes são: os ribeiros de Paio Eanes e Nisorro e a ribeira da Bruceira.

Tem um curso sereno, sem o perigo frequente das inundações, das cheias ou dos enxurradas de effeitos prejudiciais.

Antes dos aproveitamentos hydroeléctricos, as águas da ribeira serviam apenas para mover a mó dos moinhos, para regar alguns terrenos marginaes e para a pesca como desporto, passatempo preferido por alguns nisenhes.

Era um curso de água esquecido, quasi inútil, que a Hidro Eléctrica Alto Alentejo arrancou do esquecimento, aproveitando a energia das águas e gerando a electricidade que iria iluminar as terras em redor e até algumas bastante afastadas e fazendo acordar, na região a actividade industrial, até agora quasi completamente adormecida e paralisada.

O Homem e a Natureza

As quedas de água, a força das correntes, as cheias, em suma, a hulha branca, multiforme e plástica, já eram utilizadas pelas populações primitivas, na moagem dos cereais, na elevação e na irrigação.

Já se efectuavam trabalhos hidráulicos no Egipto dos faraós junto ao Nilo e nos tempos do esplendor da Mesopotâmia, no Tigre e no Eufrates.

E' o período campestre da hulha branca, como lhe chama Henri Cavallès.

Depois, a invenção da máquina a vapor veio revolucionar essa técnica cada vez mais desenvolvida, multiplicando o emprego da força das águas.

A hulha branca é hoje a energia das águas correntes, que provêm dos glaciares permanentes e das neves inverniaes, quer simplesmente das torrentes de montanha, dos lagos e dos rios. E' a energia de todos os cursos de água, entendida como força motriz e mais particularmente a que se utiliza por intermédio do motor eléctrico, no lugar ou a distancia» escreve Cavallès no seu livro «A Hulha Branca».

A ideia para o aproveitamento da energia das águas da ribeira de Nisa, nasceu em 1934, partiu de jovens engenheiros, bairristas fervorosos, lutadores incansáveis, que pretenderam erguer a sua terra, resolvendo o problema económico e a terando por completo as actividades locais.

Com a realização dos seus planos, livraram a região dos combustiveis, sólidos ou líquidos, estrangeiros, que aqui estavam implantados, produzindo energia eléctrica, gerada em águas nacisnais, distribuída por uma companhia portuguesa, dirigida e financi-

ada por portugueses.

Mas para isso era necessário o capital, o apoio moral da população, a ajuda dos proprietários.

Inicialmente tiveram que enfrentar os obstáculos naturais, lutar com a falta de meios, sufocar o cepticismo dos seus conterrâneos e a opposição dos capitalistas que, teimosos e incrédulos, não queriam arriscar o seu dinheiro numa obra, que supunham irrealizável.

Aqueles homens, guiados por uma vontade inabalável e iluminados pelo fulgor dos seus projectos, desafiam a hostilidade geral e não desanimaram, não afrouxaram o tropel das suas aspirações, não se puseram a carpir as suas penas numa apatia inútil e derrotista. Conseguiram o auxílio duma minoria, adquiriram a concessão do Estado e por fim lançaram-se nella luta titânica contra a Natureza.

O problema de «O Homem e a Natureza» não é moderno, pois já na Grécia Antiga, no férvilhar do pensamento helénico, onde se torjaram os mais altos ideais e onde se esboçaram as bases da nossa civilização, alguns filósofos, como Heraclito e Aristóteles, se haviam preocupado com esta questão, sem todavia tomarem uma posição definida.

Depois Montesquieu, Rousseau, Boudin e Michelet, vultos preponderantes que saltaram nas labaredas da Revolução Francesa, retomaram o problema, inclinando-se para a influência decisiva do ambiente sobre o Homem.

Mais modernamente surgiu a escola alemã, defendendo o determinismo geográfico absoluto e tendo na vanguarda das suas fileiras, os geógrafos Ritter e Ratzel.

Estes consideram o Homem subordinado ao ambiente físico, como um ridiculo fantoche sujeito aos caprichos da Natureza.

Generalizando a sua doutrina, Ratzel mostrou-se um partidário do megalostatismo, da ideia de que o mundo, sob o aspecto politico, devia ficar reduzido a

um pequeno número de grandes nações.

Pensamento extremista e impossível, que baixou nos planos do poderoso Bismarck levando-o a proferir a frase: «La force prime le droit».

A eficácia desta doutrina política seria o aniquilamento dos povos pequenos, o desprezo pelos sentimentos alheios, a queda da independência.

O megalostatismo é a forma velada do despotismo, que nega aos países fracos o direito de viver, roubando-lhes o facho resplandescente que ilumina todas as consciências, arrancando-lhes das cúpulas das catedrais e do cimo dos monumentos o pendão abençoado da Liberdade e fazendo dos cidadãos destas nações oprimidas, desprezíveis escravos, que arrastam as suas grilhetas infamantes e escondem as máscaras de sofrimento e ignominia, sob as chicotadas ferinas e as veias dos tiranos amaldiçoados, cujas violências não conseguem sustentar as ondas de revolta interior, abalar a esperança de um dia, calar a voz do patriotismo que germina nos seus corações de gente expropriada.

Opondo-se ao determinismo geográfico absoluto, formou-se uma nova corrente, para a qual os factores naturais se mantinham inertes na vida das sociedades humanas. É a Morfologia Social, independente da Antropogeografia, com métodos e objectivos diferentes.

Estes também não resolveram o problema, porque saíu-se dum exagêro, para se entrar noutra, menos tolerante e mais absurda.

—Onde está a verdade? No poder ilimitado dos factores naturais ou na acção modificadora do Homem?

—«In medio virtus». E assim, Brunhes, Vidal de La Blache, Vallaux e tantos outros, mais razoáveis e conscienciosos, orientaram os seus trabalhos no sentido dum determinismo geográfico relativo, atendendo à mútua influência do Homem e da Natureza.

Os séres vivos e mais intensamente os agrupamentos humanos têm uma tendência para reagir contra os obstáculos físicos e se algumas vezes sucumbem ou se revestem dum fatalismo doentio ante os descambros, outras, porém, as dificuldades constituem esti-

mulos para novos empreendimentos.

Se a cobardia é filha da derrota, esta é também a madrastra da coragem.

Vallaux afirma: «Nada de determinismo físico e absoluto, mas um determinismo alargado e diverso, onde admitimos que a acção das causas naturais é modificada, amortecida ou paralizada».

Em prol da mesma opinião, diz Vidal de La Blache: «As mesmas regiões, por mudanças de valor dos seus elementos, têm os mais variados estímulos e a actividade humana que dirige o mecanismo».

O Sr. Dr. Luiz Schwalbach, perante estas disputas acaloradas, não ficou indiferente e nos seus trabalhos antropogeográficos, revela-se um partidário do determinismo geográfico relativo.

E o douto professor declara: «Somos defensores dum determinismo condicionado, repulimos o determinismo geográfico absoluto. O mesmo acidente morfológico não produz sempre as mesmas consequências sobre os agrupamentos humanos. A acção dependerá das energias próprias desses agrupamentos, do seu estado de cultura, do momento histórico, etc. Mas também não diremos que o factor geográfico se mantém inerte na vida das nações».

Olhando para o Passado lá encontramos inúmeros e sugestivos exemplos do poder criador e modificador do Homem, das victórias alcançadas contra a Natureza, desde as eras pré-históricas servindo-se do grosseiro páu de escavar e do imperfeito "coup de poing", até à humanidade contemporânea, com os mecanismos e engenhos mais complicados.

O Homem, descobrindo as suas necessidades e os segredos da Natureza, consegue atenuar e por vezes destruir os obstáculos desfavoráveis ao seu modo de viver.

Já Bacon dizia que «conhecer é poder» e o pensador tinha razão, porque nós vemos, tanto no panorama em redor, como nas regiões mais insalubres, provas que demonstram a veracidade desta afirmação, aparentemente balôfa e falsa.

O Homem nivela terrenos acidentados, abate montanhas, profana o seio das florestas virgens, desvia o curso dos rios, altera o revestimento vegetal e animal, modifica as condições higiénicas e climatológicas, embala-se nos vagalhões do mar furibundo, a-briga-se nos "igloos" das tundras quasi sempre geladas e adormece ao luar sensual das regiões tropicais, apascenta os seus rebanhos na estepe cinzenta das margens do Mar de Azof, forma caravanas que percorrem o Saará e Calari, devasta os lugares pantanosos, abre túneis e canais, levanta diques e toda essa série de acontecimentos espantosos que constituem os pilares potentíssimos da nossa civilização.

E a construção das obras da Hidro Eléctrica Alto Alentejo é um capítulo dessa história, um triunfo da luta do Homem contra a Natureza.

Foram os operários, derramando o seu suor e empunhando a picareta, a enxada, a broca e outros instrumentos, os trabalhadores com as suas energias e a força do seu braço que esmagaram a Natureza e satisfizeram os projectos concebidos pelos engenheiros e dirigentes.

A Grande-Guerra, longínqua já, repercutia ainda as suas funestas consequências com o encarecimento do material e por isso as obras foram feitas numa pequena ribeira, com uma superficie de 155 km².

O Estado protegendo sempre os grandes empreendimentos, determinou a concessão, concessão de utilidade pública, que decorrido um certo espaço de tempo, a obra será considerada património nacional.

E a traços largos e imprecisos, reproduzi o pre-âmbulo da história da Hidro Eléctrica Alto Alentejo, que, com a edificação da central da Póvoa, saiu da sua fase embrionária para transpor ousadamente o limiar das realidades.

A Central da Póvoa

Esta foi a primeira central, a primeira pedra erguida pela força varonil dos operários, a realização

do sonho dos fundadores da empresa.

As ideias amontoadas nos seus espiritos, fruto de estudos e de longas noites de trabalho, com o legítimo desejo de engrandecer a sua região pelos aproveitamentos hidro-eléctricos, tiveram no final desta obra a firme certeza de que os seus cálculos não eram vagas ilusões, não pertenciam ao campo arido das utopias. Eram já uma realidade, grandiosa e incontestável realidade.

A Natureza agonizava ante os golpes das picaretas manejadas ritmicamente por rudes trabalhadores, a rocha dura despedaçava-se pela acção do dinamite, os obstáculos iam sendo vencidos pouco a pouco, o muro da barragem levantava-se potente, sustentando o impeto das águas rebeldes, que depois eram armazenadas na albufeira.

Por vezes, a Natureza oferecia ainda resistência, as obras caíam transformando-se num montão de ruínas, mas os operários não se convenciam da derrota e animados pelo sábio e fortificante entusiasmo dos engenheiros depressa reconstruíam os destroços provocados pelos desmoronamentos.

E as dificuldades foram vencidas, mas quanto suor, quantos sacrificios para banir o desânimo, para arranjar o capital com que pagar ao pessoal, muitos marcados já pela indigência, quanta coragem para enfrentar a fúria desmedida dos elementos naturais!

Fica a central da Póvoa, próximo da povoação de Póvoa e Meadas, já no concelho de Castelo de Vide, vila de nobres tradições e dotada de tamanhas belezas naturais, que é conhecida pela Sintra do Alentejo.

A barragem com 28^m 5 de altura, comporta cerca de 24 milhões de metros cúbicos de água.

A água armazenada é uma provisão para futuras carestias.

Numa possível enchente, a água, depois de abertas as comportas, é lançada no antigo leito da ribeira, em direcção ao Poio. Se neste reservatório se verificar fenómeno idêntico, a água é conduzida à Vela-

da, que por sua vez a envia ao Tejo.

Na parede da barragem está montada uma escala métrica, indicando o movimento da água recolhida.

Sobre o muro da represa passa uma ampla estrada, que vai até aos edifícios, onde estão instalados os aparelhos eléctricos.

Uma densa mata e um jardim cuidadosamente tratado, rodeiam as oficinas e as habitações do pessoal permanente, emprestando uma tonalidade mais alegre. O amarelo das casas e o negro dos tubos distinguem-se por entre a verdura da vegetação luxuriante. Um tubo de aço, de 1^m.20 de diâmetro; transporta a água até à válvula; aberto esta, entra em duas turbinas, tipo Francis, de rodas móveis e de 1 000 cavalos as duas, situadas a 150^m a jusante da albufeira.

Os alternadores produzem corrente à tensão de 6.000 volts, sendo depois elevada nos transformadores para 30.000 volts.

As «cabines» das diversas localidades recebem a energia eléctrica a 30.000 volts e baixam-na para 380 volts para força motriz e para 220 volts para iluminação.

Esta central possui a barragem geral, que é, por assim dizer, a alimentadora das restantes.

Em 30 de Dezembro de 1926, por entre o contentamento e a admiração geral, fechava-se a comporta de fundo da barragem e a 15 de Janeiro de 1927 metta-se a conduta em carga pela primeira vez.

Finalmente no dia 23 de Fevereiro de 1927, pelas 14 h. e 25 m., ante os gritos de entusiasmo, o quebrar das taças de «Champagne» e a chuva miudinha, que era como que o pranto, as derradeiras lágrimas da Natureza subjugada, era inaugurada solene e oficialmente a central da Póvoa, com a presença dos ministros do Interior e do Comércio.

Tinham vencido e esse êxito fizera entrar a região no caminho do progresso e contribuirá grandemente para o ressurgimento económico do país.

A Central da Bruceira

A Central mais importante, donde se regulam a água e o trabalho das várias máquinas eléctricas. Fica situada a 3 km. de Nisa, entre báculos férteis, hortas carregadas de frutos, o leve sussuro da ribeira e vigiada pela velhice e austeridade da ermida de Santo André.

Vai buscar a sua alimentação ao Poio, a 4 km., por um canal de ligação, em parte céu aberto e a restante com dois pequenos túneis e um grande, aproximadamente com 500^m de comprimento. Na abertura desses túneis, o homem empregou, além dos utensílios de que dispunha, compressores e marteos pneumáticos.

O canal tem uma secção irregular de 2^m.75 e um fundo de 1^m.60. Foi aberto na rocha viva e aproveitou-se a barreira dum lado e do outro, foi construída uma parede de protecção.

No caminho compreendido por esse canal, encontram-se cinco tanques de captação, três artificiais e dois naturais.

A água desliza livremente até à câmara de carga, entrando em conduta forçada num tubo inteiro, e na inferior de 1^m.250.

A entrada da central, a tubaria divide-se em dois ramais, que alimentem duas turbinas «Escher Wyss», de 1.250 cavalos, 600 rotações, com um débito em plena carga de 1.800 litros por segundo. Tem atrelados, trifásicos, de 1.070 K. V. A., 6.000 volts, 50 períodos e 600 rotações.

A corrente é gerada a 6.000 volts e distribuída a 30.000 volts.

Num quadro de manobras estão montados os respectivos transformadores.

Além dos aparelhos para fornecimento de energia eléctrica, possui esta central outras oficinas, que iremos percorrer sumariamente.

Um pôsto de corte e manobra, onde se liga a corrente das quatro centrais: Bruceira hidráulica, Bruceira térmica, Póvoa e Velada e que depois é distribuída para as diversas localidades, como Castelo Branco, Portalegre, as linhas do sul e as duas linhas de Tramagal e Entroncamento.

O actual conflito internacional estendeu até aqui as suas garras, impedindo, por falta de aparelhagem, o funcionamento d'outra oficina do mesmo género da anterior, onde trabalhará a célebre «bobine Petersen», para protecção das linhas.

Substituindo este moderno aparelho, é empregado um indicador-terra, que acusa qualquer linha caída.

Há ainda uma central térmica, que consta dum motor «Sulzer», vertical, de 214 rotações, 6 cilindros, 1.000 cavalos e ligado rigidamente a um alternador «Simens», de 6.000 volts, 87 ampères e 950 K. V. A.

Para o aproveitamento do óleo consumido, são utilizados vários aparelhos filtradores e secadores, numa officina de ensaio e preparação de óleo.

Anexa a estas officinas encontra-se uma de serfaharia, onde se fabricam postes, suportes de isoladores e outro material necessário.

Todas as saídas de linhas estão protegidas por «bobines Self» e pára-raios da «General Electric».

A Bruceira foi edificada em 1928, logo a seguir à central da Póvoa.

A Central da Velada

É esta central a primeira em potência. Aparece no fundo dum vale, entre montes escarpados, onde desabrocham selvaticamente as urzes e as giestas e muito raramente algumas raquíticas oliveiras.

Foi certamente aqui, que o braço humano exerceu maior relêvo, onde o Homem teve um contacto mais direcção com a Natureza, devido à ondulação do terreno, às rochas que o infestavam e ainda às péssi-

mas condições de comunicação.

Em Agosto de 1935 entrou em funcionamento esta central, que é alimentada pelo Racheiro, através dum canal, de 14 km. de comprimento, sendo 7 km. sob túneis e 7 km. a céu aberto.

A água ao chegar à câmara de carga, entra em conduta forçada num tubo de aço, comunicando com duas turbinas hidráulicas, tipo «Francis», que desenvolvem, cada uma, uma potência de 3.250 cavalos.

Estas turbinas estão directamente relacionadas, podendo produzir 2.400 Kilowatts de energia, gerada pelos alternadores a 6.000 volts, e depois elevada para 30.000 e 60.000 volts.

A energia de 30.000 volts dirige-se para a Bruceira, pôsto de distribuição, que a envia para Castelo Branco, Portalegre, Elvas, Extremoz, Tramagal e Entroncamento.

A linha de 6.000 volts parte desta central para a fábrica de cimento Liz, na Maceira, tendo no Entroncamento uma derivação, podendo assim este centro ferroviário ser alimentado por 30.000 ou 60.000 volts.

Entre os aparelhos mais modernos, a Velada possui: três transformadores, dois com a capacidade de 2.800 K. V. A., trabalhando associados em paralelo e um com a capacidade de 1.500 K. V. A.; três «bobines» de escoamento, monofásicas, destinadas à protecção extática das linhas; uma «bobine Petersen», que garante a segurança do serviço numa deficiência de isolamento nas linhas e um telefone de alta frequência, aparelho modernissimo, que envia a sua frequência às linhas de transporte de energia e conduz a corrente modulada às linhas de baixa frequência por meio duns dispositivos de bloqueio. Este último aparelho é regulado por condensadores, por onde passa a corrente de alta frequência.

A 2 km. da central da Velada, eleva-se a central da Foz, semi-automática, que consome as águas saídas daquela central ou as que correm pela ribeira na época das chuvas.

A Central da Foz

A Foz é, de todas as centrais, a mais recente e a mais curiosa. Ela representa o apogeu do poder criador do Homem, a última palavra na indústria hidroeléctrica.

Tem uma característica que a distingue de todas as outras. É uma central de comando a distância, não possuindo pessoal permanente e dirigida pela Velada, a central mais próxima. Com a sua construção completou-se o sistema do aproveitamento hidroeléctrico da Ribeira de Nisa.

Começou a funcionar em 1939, com uma potência de 800 cavalos.

Usa a turbina de tipo «Kaplan», de palheta móvel, com um rendimento superior e um alternador de eixo vertical.

A energia logo do transformador a 6.000 volts e segue até à Velada por um cabo subterrâneo e aqui é lançada no mesmo barramento de 6.000 volts.

Uma escada de caracol conduz-nos à turbina, situada no tundo e protegida por portas de estanque, com pranchões e juntas de borracha.

A conduta para a central passa, em parte, por um tubo e a restante por um túnel, com água já sob pressão.

A Hidro Eléctrica Alto Alentejo

O levantamento das barragens, a abertura dos canais e túneis, a construção das centrais, a produção da electricidade e as inúmeras aplicações da energia esmagaram integralmente a ignorância, o recato e as dúvidas da população.

As realidades triunfaram das aparências, que se de início haviam prejudicado a marcha dos trabalhos, jaziam agora vasquejantes e anócinas ante o poder crescente desta empresa, já sólida e definitivamente organizada.

Os seus dirigentes começaram a escalentar novos projectos na sua ânsia de mais e melhor, a expandir e

a ampliar o raio de acção das linhas, que levariam a energia eléctrica aos diversos pontos do país, agitando as indústrias e substituindo na iluminação, o petróleo e outros combustíveis.

Os inventos atrevidos e poderosos do presente varriam do seu âmbito os engenheiros borolentos e rotineiros do passado.

A energia eléctrica, gerada nas centrais da Hidro Eléctrica Alto Alentejo, vai iluminar povoações distantes, proteger actividades e animar fábricas, lagares e oficinas.

As linhas avançam para o sul, passam por Arez, Alpalhão, Póvoa e Meudas, Castelo de Vide, Portalegre, Crato, Arronches, Elvas, Extremoz, Borba e Vila Viçosa. Penetram na Beira Baixa, até Castelo Branco, Alcains e Idanha e na Beira Litoral, até Mira e Macelara, onde a fábrica de Cimento Liz tem um papel de relevo, desenvolvendo-se extraordinariamente e tornando-se a principal cliente da empresa. Outros consumidores importantes são a Fábrica de fundição de Duarte Ferreira e Filhos, no Tramagal e a C. P. no Entroncamento.

Os campos do Ribatejo foram invadidos também pela acção benéfica e vantajosa desta companhia portuguesa, que fornece energia eléctrica às povoações de Sardoal, Rocio de Abrantes, Entroncamento, Alcanena, Tramagal, Golegã, Chamusca e Alpiarça.

O aproveitamento da energia eléctrica tornou-se uma necessidade imperiosa, a aspiração máxima de algumas localidades, que numa manifestação indiscutível de progresso, fizeram tódas as tentativas para adquirir esse melhoramento.

Assim sucedeu em Vale de Pêso, que inaugurou a iluminação eléctrica em 1935 por despacho ministerial, graças aos esforços verdadeiramente baírristas e à actividade notável da Junta de freguesia, auxiliada por um subsídio cedido pela Câmara Municipal de Crato e por uma inscrição aberta voluntariamente por toda a população, que deu o magnânimo exemplo de amor pela sua terra natal.

Mas sem dúvida, foi o concelho de Nisa, o que mais lucrou com este notável empreendimento.

Durante o período dos trabalhos, esta região viu os seus habitantes ocupados na mão-de-obra, viu o desaparecimento da miséria, da fome, do desemprego, das crises de trabalho.

O cenário triste e doloroso, representando semblantes macilentos e cadavéricos, homens de braços caídos estacionando indolentes às portas das tabernas imundas, mulheres angustiadas levando os filhos ao colo, que as acompanhavam e corriam com a sua ladaínia comovente, pedindo pão com as suas bocas pequenas, multidões esfomeadas, vencidas pelo desfalectamento e minadas pela preguiça, foi ofuscado por uma estampa brilhante, augusta, heróica, onde a ganga azul dos operários se misturava com o burel escuro dos cavadores na alegria do trabalho e na santa paz dos seus lares.

As actividades agrícolas foram amparadas pelas industriais e Nisa, viu as suas ruas e moradias iluminadas, viu subir o seu prestígio, engrandecer o seu nome e tornar-se um centro turístico, visitado por várias excursões nacionais e estrangeiras.

Esta antiga vila, depois de ser a sede de todos os serviços, recebeu no seu seio ilustres e famosas personalidades, que aqui vieram propositadamente admirar as obras da Hidro Eléctrica Alto Alentejo.

Não foram inúteis os sacrificios dos trabalhadores, o suor caído nas investidas contra a Natureza, as agruras sofridas durante anos consecutivos para esbrinar as dificuldades, porque se não dominaram totalmente o meio ambiente, abateram pelo menos a sua influência decisiva.

E os operários, que ainda hoje se conservam ao serviço, generosos e agradecidos, num gesto admirável de solidariedade, uniram-se e fundaram por iniciativa própria, uma cooperativa e uma caixa de previdência, para assim assegurar as suas famílias, em futuras e possíveis fatalidades.

Hoje as obras estão erguidas, consagrando o trabalho humano, qual diadema glorioso enteitando as cabeças respeitáveis dos cavadores e dos operários, dos rústicos e dos plebeus, que puseram a plenitude do seu vigor físico ao serviço da Pátria.

Elas ficarão como um monumento, um símbolo de progresso, testemunhando o esforço grandiloquo e elevando os ideais daqueles jovens, que contribuíram para o triunfo da Hidro Eléctrica Alto Alentejo.

E para epilogo dêste imperfeito trabalho, onde manifestei o meu desejo de acertar através de páginas orgulhosamente humanas, algumas vividas outras observadas, se bem que todas polvilhadas pela poeira transparente dos meus poucos anos, sirvo-me das palavras expressivas e entusiásticas do Sr. Engenheiro Custódio Nunes, a alma instigadora desta empresa e hoje o seu director: «Empreendimento cusado num país, em que a descrença invadiu a alma nacional, vincula-do ainda mais o fatalismo atávico da raça, êle fica como uma manifestação de vida e de vontade a contrastar singularmente com a proverbial indolência alentejana.

Que êle seja um incentivo para empreendimentos de vulto e o despertar de energias moças, para o progresso do nosso lindo Alentejo, que por ser tão desconhecido é tão injustamente apreciado.»

Fin

INDICE

Introdução	pág. 3
O Concelho de Nisa	» 5
A Vila de Nisa	» 9
A População	» 10
Noticia Histórica	» 19
A Ribeira de Nisa	» 25
O Homem e a Natureza	» 26
A Central da Póvoa	» 30
A Central da Bruceira	» 33
A Central da Velada	» 34
A Central da Foz	» 36
A Hidro Eléctrica Alto Alentejo	» 36

ERRATA

Entre outros que o leitor facilmente corrigirá
assinalam-se os seguintes erros:

Página	Linha	Onde se lê	Leia-se
3	4	Geografia humana	Geografia Humana
3	4	homem	Homem
3	20	auxílio	auxilio
3	23	discreções	descrições
3	36	Humain	Humaine
3	36	Brunhe	Brunhes
3	39	Cavallès	Cavaillès
4	15	pingos do suor	pingos de suor
4	23	ou desânimo	ou de desânimo
4	23	enalterêsc	enaltecesse
4	27	postos	postes
4	32	dos inverno	do inverno
4	34	o ano	um ano
5	5	surprederam	surprenderam
7	39	do máquinas	de máquinas
8	35	cêrca	cêrca de
10	4	tradifonais	tradicionais
11	36	élite	elite
12	27	confusão	confusão
12	36	vergônteias	vergônteas
14	10	Estes homens	Êstes homens
16	4	letârgico	letârgico
16	29	bluza	blusa
21	5	De joelhos concentrados	De joelhos, concent.
21	21	devoção	devoção
25	5	nesso	nosso
26	29	1934	1924
26	37	nacionais	nacionais
34	36	rreno	terreno
35	18	6.000	60.000
35	33	Este último	Êste último